



78 ROTAÇÕES ATÉ A BATUTA

João Maurício Galindo, o atuante e jovial maestro paulista, tira a casaca da música clássica – de que se aproximou na infância, curioso pela rotação da vitrola

Por Karina Sergio Gomes

O vinil tocava na vitrola. Ver o disco girar encantava o menino João Maurício. O fascínio pela música reproduzida no aparelho foi arrebatador a ponto de virar profissão: Galindo tentou seguir carreira no ramo da eletrônica, mas o interesse pelos sons tocou mais alto. Hoje, aos 48 anos, ele não ajeta mais o braço da vitrola para ouvir sinfonias ou composições populares que marcaram a sua infância. É dele o braço que conduz 80 músicos da Orquestra Jazz Sinfônica e 70 adolescentes da Orquestra Jovem do Estado de São Paulo.

Nascido na São Bernardo do Campo de 1960, entre uma pelada e uma partida de jogo de botão Galindo se apaixonou primeiro pelo velho toca-discos conservado pela mãe, Marina, hoje com 78 anos. A música foi consequência. Escutava tudo, dos compositores eruditos a Francisco Alves. “Eu era antropofágico”, brinca. Mas foi uma coleção de música clássica, comprada na banca de jornal pela mãe, que mais despertou curiosidade no garoto. Seu sonho de consumo, então, passou a ser os fascículos dos “Grandes Compositores”, da Abril Cultural, que popularizaram nomes como Beethoven e Bach. Os vinis foram comprados à base de economia do dinheiro da mesada.

Com a chegada da adolescência, o menino que ouvia clássicos se rendeu à batida forte do rock e, aos 13 anos, comprou uma guitarra. “Na época gostava do rock progressivo de Pink Floyd e Yes, e também de grupos ligados ao

blues, como Led Zeppelin”, lembra-se Galindo, que até formou uma banda na garagem de casa com seus amigos.

De técnico a maestro

Entre as décadas de 1960 e 1970 o mercado automobilístico se expandiu na região do ABCD paulista. Faltavam, no entanto, profissionais qualificados de nível médio no mercado de trabalho. Na tentativa de suprir a carência de mão de obra industrial, o governo estadual criou as Escolas Técnicas e Industriais, uma delas em São Bernardo do Campo, a Etec Lauro Gomes. Foi nessa escola que João Maurício Galindo estudou o mecanismo que despertara sua paixão pela música – o funcionamento da vitrola –, cursando o curso técnico em eletrônica. “Estudava em período integral, então sobrava pouco tempo para pensar em música. Era apenas no fim de semana e à noite. Música era uma maneira de desestressar”, relembra.

Não demorou muito para o lazer se tornar outra ocupação. “Olha, abriu um curso para aprender a tocar instrumentos de corda no Sesc Doutor Vila Nova. Por que você não vai lá?”, sugeriu um colega. Interessado, Galindo matriculou-se e, nas aulas de violão e guitarra, logo escutou de um professor: “Rock você já sabe tocar. Se quiser continuar estudando, precisa aprender jazz e blues”. O conselho fez com que Galindo se dedicasse mais. Mas a responsável pela entrada definitiva na carreira artística foi a Rede Globo. Assim que

concluiu o curso de eletrônica, o jovem fez estágio de um ano como técnico na emissora. Depois desse período, a empresa contratou apenas um dos estagiários, e Galindo foi dispensado. Decidiu, então, transformar em profissão o que já não era mais apenas hobby, a música.

Galindo já cursava, na época, o primeiro ano da Faculdade de Música da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São Bernardo do Campo. “Dei muita sorte porque a escola estava começando. Eu não entendia nada de música”, conta. Os professores contratados para implantar o curso da escola vinham de conservatórios de prestígio, muitos com passagem por Paris, como Michel Philippot. Criaram um sistema de ensino de composição e regência organizado em moldes de alta competência. Os detalhes impressionaram o músico iniciante. “Tenho um lado muito racional. Curti e me identifiquei com a música erudita porque era um ensino mais sistematizado”, lembra-se. Pouco tempo depois de formado, João Maurício foi contratado como professor assistente no próprio curso da Unesp, e ali lecionou por quatro anos.

Regendo alunos

Ser professor é uma das atividades de que João Maurício Galindo mais gosta. “Tenho facilidade para dar aula. É o que faço melhor. Reger até que não é tarefa das mais difíceis. Agora, para dar aula... precisa ter talento. E acho que tenho. Continuaria lecionando, mas

na carreira, infelizmente, ser maestro dá mais reconhecimento e prestígio.” O primeiro emprego docente foi como professor de música do Sesc, onde trabalhou por 14 anos. O maestro acredita que o trabalho serviu como treinamento para outras oportunidades que viriam. Pois, depois de formado, começaram a aparecer convites para organizar e reger pequenas orquestras de bairro. Entre eles a proposta para montar a orquestra do Conservatório Musical Brooklin Paulista, dirigido por Sigrido Levental – maestro que esteve à frente desse conservatório por quatro décadas.

Levental mostrou a Galindo um edital do 1º Curso Internacional para Jovens Diretores de Orquestra, promovido pela OEA e realizado em Caracas, na Venezuela, em 1990. João Maurício o foi escolhido para representar o Brasil. Quando voltou, foi chamado para ser assistente de Juan Serrano na Orquestra Jovem do Estado de São Paulo. Quatro meses depois Serrano faleceu. Teoricamente, João Maurício assumiria o posto de maestro de imediato, mas, com pouco tempo de casa e ainda chocado com a morte do amigo, achou melhor se afastar. “No enterro do Serrano tinha gente se convidando para ficar no lugar”, lembra-se Galindo.

Naquele tempo, João Maurício Galindo trabalhava em muitos lugares: tocava viola na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSES) e na Orquestra de Santo André; dava aula no Sesc e na Unesp. Abdicou de tudo quando finalmente aceitou dirigir a Orquestra Jovem do Estado de São Paulo.

Champanhe em promoção

Sete anos mais tarde, em 1997, Galindo foi convidado pelo maestro Júlio Medaglia para ser seu assistente na recém-montada Orquestra Filarmônica do Amazonas. Conforme se lembra Medaglia, a experiência de levar música clássica à Região Norte foi “muito interessante”: “Havia o carisma do nome Amazonas, o belíssimo teatro local e os mistérios da região toda”.

“Regendo certa vez um concerto com uma orquestra do sul, tive a sorte de ter como espectador o governador Amazonino Mendes. Ao ver uma sinfonia de qualidade soando no local, ele me convocou para criar um grupo se-

melhante e de nível internacional. Por coincidência, eu viajava à época para a Bulgária para reger O Guarani com os artistas da Ópera Nacional. Aproveitei a chance e lancei o convite. Pouco tempo depois havia se espalhado na Europa Oriental a notícia da criação da orquestra no Amazonas. Foi fácil arregimentar os melhores”, orgulha-se Medaglia, que incluiu Galindo entre “os melhores”. “Conhecia o maestro Galindo há muito tempo e admirava seu talento e sua versatilidade musical. Ele deu importante contribuição na edificação daquela ideia ‘fitzcarraldiana’ [do filme Fitzcarraldo, de Werner Herzog, em que o protagonista sonha construir uma casa de ópera em Iquitos, no alto Amazonas].”

Embora tenha se engajado no projeto de Medaglia, Galindo não resistiu ao clima quente e à saudade do filho

A Globo foi responsável pela entrada na carreira artística. Formado em eletrônica, fez estágio na emissora e foi dispensado. E aí se decidiu pela música

Érico, então com 10 anos. Pediu demissão e passou anos com a impressão de que havia desagradado o colega. “A vida de artista é feita por caminhos em ziguezague e, às vezes, tortuosos. Nem sempre se consegue programar 100% o futuro. O importante é que a orquestra existe e faz um trabalho regular pela música daquele Estado”, compreende, porém, Medaglia.

De qualquer forma, a experiência serviu para que Galindo aderisse a um novo hobby: vinhos. “Eu gostava muito de comer fora e tomar cerveja”, diz. “Mas em Manaus fazia um calor insuportável. Bebia um chope e não aguentava mais. Aquilo aumentava ainda mais a sede.” Um dia, no aeroporto, passou diante de uma loja de artigos isentos

de imposto e viu o champanhe Moët & Chandon em promoção, R\$ 30 a garrafa. Comprou algumas. Chegando à sua casa, colocou para gelar e ficou maravilhado. “A bebida não me deixava bêbado, não estufava, era refrescante”, lembra. “Depois comecei a ir atrás e saber mais sobre vinhos, fui apresentado a outras pessoas que gostavam da bebida. E virou um hobby.” Uma dessas pessoas foi o próprio Júlio Medaglia. “Sempre fui um apaixonado por vinhos, pois morei na Europa, em regiões onde produzem bons vinhos. A distância de Manaus dos grandes centros culturais era correspondida com a ingestão de bons vinhos, que nos consolavam”, comenta.

Batuta pesada

De volta a São Paulo, João Maurício Galindo ficou sem um dos empregos. Antes de ir para Manaus, havia se demitido da OSES e pedira licença de um ano do Sesc e da Orquestra Jovem. Ao reassumir as aulas no Sesc, soube da demissão com a justificativa de que a instituição não tinha plano de carreira para professor de música. Ficou zangado na época, mas hoje entende – e logo nova porta se abria: no mesmo ano, 1998, o maestro da Jazz Sinfônica, Marcelo Araújo, viajou aos EUA para um curso e Galindo foi convidado para reger um concerto. Araújo se iniciava como regente; tinha sido músico da Jazz Sinfônica e assumira quando o maestro Nelson Ayres se demitiu. Ao voltar do curso, a orquestra colocou em votação se os músicos preferiam ser comandados pela batuta de Araújo ou de Galindo – e nosso perfilado foi o escolhido.

Os músicos só não esperavam que a batuta de João Maurício fosse tão pesada. Acostumados com o “ar mais descontraído” de Ayres, que dava bastante liberdade aos membros da orquestra, estranharam a disciplina implantada pelo novo regente. Um dos que tentaram bater de frente foi Fábio Prado, titular da tuba. “Por que vamos tocar essa música?”, Prado indagou. “Nunca vi músico questionar a escolha do diretor artístico”, respondeu o maestro.

Galindo confessa que brigou muito com os músicos no seu começo. “Eles pareciam uma banda de rock. Cada um fazia o que queria”, critica. Foi um aprendizado difícil mas Galindo impôs

hierarquia, disciplina e pontualidade. Os ensaios, por exemplo, acontecem três vezes por semana e se iniciam às 14h30, sendo descontados do salário R\$ 40,00 por minuto de atraso. Outra regra é: “hora de ensaio é hora de ensaio”. “Antes se desperdiçava muito tempo corrigindo partituras. Agora as três horas são usadas para ensaiar”, conta Fábio Prado, que se tornou regente assistente após superar os entreveros com Galindo.

E-mails para o secretário

Com o tempo, músicos e maestro foram se afinando. A disciplina funcionou, mas Galindo também entendeu que é preciso mais jogo de cintura para reger uma orquestra de música popular. O repertório da Jazz Sinfônica é focado em MPB e choro, por exemplo. “Não adianta ser um maestro ditador, muito severo. Pelas músicas que tocam, eles precisam estar felizes, soltos”, explica.

Além disso, diz, “a Jazz Sinfônica não é o emprego oficial deles. Muitos tocam em outros lugares, como na orquestra do Municipal, ganhando o triplo. Então, se tiver de escolher entre faltar no ensaio da Jazz e no Theatro, qual eles irão escolher?”, pergunta. “A briga é transformar a Jazz numa orquestra de tempo integral.” Hoje o grupo ensaia apenas três vezes por semana.

Em um dos últimos ensaios, para o concerto que realizaram na cidade de Osasco, na Grande São Paulo, antes das 14h30 os músicos já haviam chegado ao auditório do Colégio Caetano de Campos, no bairro da Aclimação, na capital paulista. Aproveitavam para conversar e afinar instrumentos. Pontualmente às 14h30, o maestro subiu ao palco e todos estavam a postos. “É um, é dois, é três, é quatro”, contou Galindo, como um sinal para começar a execução da primeira música. Sentado na banquetta, enquanto as mãos faziam movimentos orientando a orquestra, seus pés se moviam no compasso das canções. Entre uma pausa e outra, alguns músicos conversavam baixinho, outros propunham mudanças ao maestro, que se mostrava aberto às sugestões. “Será que não poderíamos fazer mais rápido essa parte de *Asa Branca*?”, perguntou um deles. “Podemos tentar”, aceitou Galindo. “Mas é apenas uma sugestão”, retratou-se o músico. “Ok, mas a gente pode fazer só para

te agradar”, brincou o regente. E o grupo repetiu da forma sugerida. Ter sido instrumentista ajudou no exercício da regência. “Sei como um músico pensa”, afirma. Galindo também compartilhou com o grupo os parabéns que recebeu do secretário de Cultura do Estado, João Sayad, pelas apresentações realizadas no teatro de Jandira, região metropolitana de São Paulo, e no Vale do Anhangabaú.

Quando retorna para casa, ao fim de cada concerto com teatro lotado, Galindo manda um e-mail a Sayad. “Caro secretário, mais um sucesso da Jazz. Casa cheia. Abraços, João”. As mensagens são sempre curtas porque, segundo o maestro, Sayad é homem ocupado. Mas sempre responde aos e-mails com “Viva!”, “Parabéns!”, “Muito bem!”. “Fazer o marketing” é parte da

A falta de ginga é notada pelos músicos: “Ele é meio durão”, diz um deles, enquanto Galindo rege *Coisa nº 6*, um samba de Moacir Santos

função de diretor artístico, que acumula junto com a de maestro. Mas dirigir a orquestra fora do palco é, para ele, a tarefa mais difícil: “Quando vem um gerente administrativo discutir planilha de salários é um sufoco... Não entendo nada, por isso conto com a ajuda dos técnicos da área”, diz.

De batuta na mão, contudo, qualquer dificuldade parece nula. Galindo declara nunca ter ficado nervoso antes ou durante um concerto, e transparece tranquilidade ao fazer os movimentos de condução da orquestra, como numa coreografia bem ensaiada. Gesticula de maneira suficiente para os assistentes de palco comentarem que o “gingado do maestro é erudito”. “Ele é meio durão”, diz um deles, enquanto Galindo rege *Coisa nº 6*, um samba de Moacir Santos.

A falta de ginga, porém, não influencia a cadência da mão, que o regente

assistente, Fábio Prado, atribui ao fato de João Maurício ter tocado viola. “Ele faz alguns movimentos com o pulso que dão mais ritmo à orquestra”, observa Prado. Apesar de transparecer ter realizado pouquíssimo esforço, o maestro sai elétrico de cena e, quando se senta no camarim, é visível o quanto se sente abatido pelo cansaço.

Música clássica sem casaca

Além de reger a Jazz Sinfônica e a Orquestra Jovem do Estado, Galindo tem dois programas na rádio Cultura FM. *Pergunte ao Maestro*, emissões de 2 minutos em que responde a perguntas formuladas pelo público sobre música clássica, vai ao ar de segunda-feira a sábado, às 10 horas e às 16 horas. O *Encontro com o Maestro* é reproduzido aos domingos, às 10 horas, e tem uma hora de duração.

Os dois programas seguem a mesma linha: falar de maneira clara e simples sobre música clássica. A experiência como professor, aliada à obsessão em ser compreendido, marca que carrega desde pequeno, ajuda a dissertar sobre música erudita numa linguagem compreensível a qualquer público. Tanto que Galindo, desde 2002, participa da série de concertos para crianças, *O Aprendiz de Maestro*, organizada pela TUCCA (Associação para Crianças e Adolescentes com Câncer), em que explica para os pequenos como funciona uma orquestra e seus instrumentos. Agora também negocia com o Sesc sua participação com comentários para público em uma série de concertos.

Com tantos afazeres, fica difícil até organizar a vida pessoal. É nesse momento que entra em ação a esposa, Silvana, de 48 anos, que trabalhava como assistente social, mas deixou o emprego para assessorar o marido nos novos compromissos. Ela também cuida da reforma da casa que têm em um condomínio simples, comparado aos luxuosos da região onde moram, Alphaville, na Grande São Paulo.

“Se tivesse tempo, outro hobby seria viajar”, sonha o regente. Nos últimos quatro anos, foi a Portugal, mas comenta que ainda precisa conhecer a Itália. Também gostaria de voltar a se dedicar à viola, mas, desde que a mão se ocupou da batuta, nunca mais dedilhou o instrumento. Hoje toca apenas orquestra. 